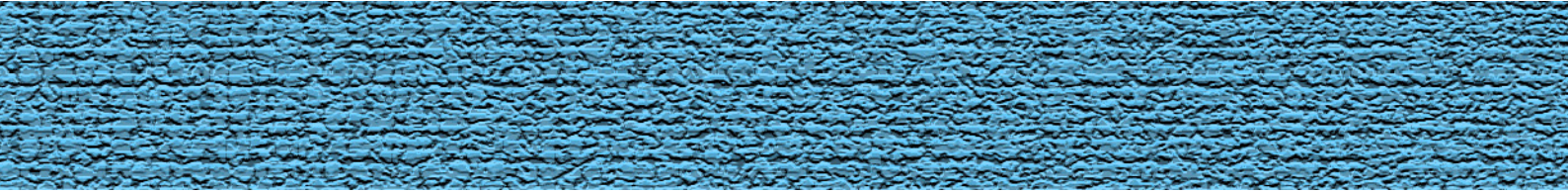
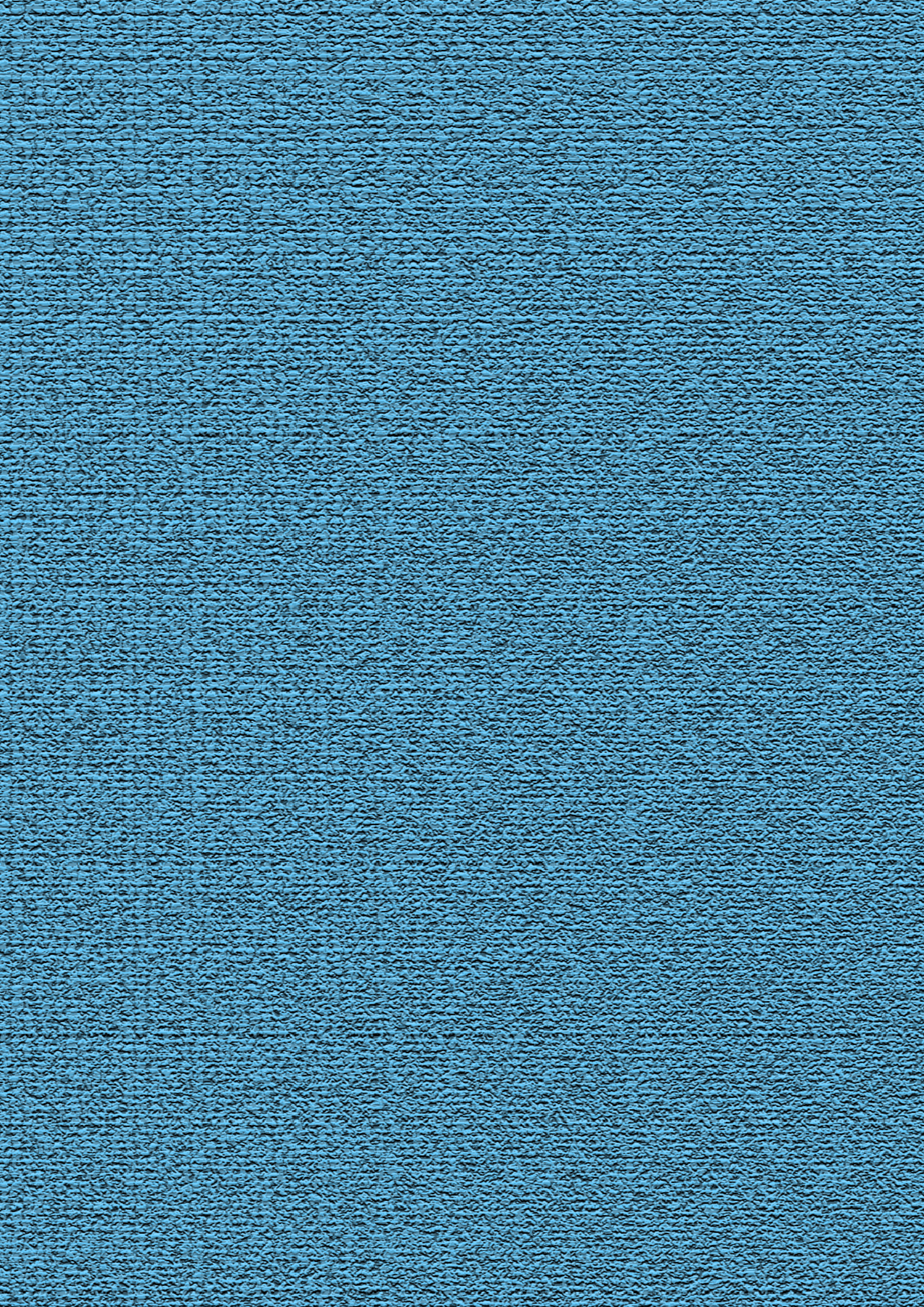


TEXTOS CRIATIVOS





Está lá fora, contornou os fundos

Márcio Silveira dos Santos¹

Sobre a Dramaturgia

Está lá fora, contornou os fundos, é parte de uma pesquisa em desenvolvimento, denominada Dramaturgias Pulsantes, que Márcio Silveira dos Santos vem desenvolvendo há dois anos. Consiste na criação de dramaturgias potentes que retratem de forma latente os dias atuais, tendo como procedimentos dramáticos experimentações do campo da Escrita Criativa e calcadas na Intertextualidade e teatralidade. A ideia inicial foi impulsionada pela situação social e sanitária que a humanidade vivia no período mais crítico da Pandemia da Covid-19. Com base nos acontecimentos reais, como as centenas de vítimas da doença, do negacionismo e falta de vacinas, da ausência de estrutura política e econômica, da ausência de leitos e oxigênio em localidades do país, da incomunicabilidade e informações falsas, percebeu-se que os fatos remetiam ao contexto do pós-guerra mundial e dos movimentos artísticos do período, com destaque para os elementos do Teatro do Absurdo. A partir desse panorama, as escritas foram se estruturando de maneira a abarcar o contexto pandêmico, procurando escovar a contrapelo as camadas de acontecimentos do período. Assim, a dramaturgia aqui apresentada é repleta de ecos dos últimos tempos, expondo o convívio absurdo de dois personagens, denominados apenas por números. A princípio ambos vivem isolados há muito tempo em determinado lugar. Não se sabe o que ocorreu para viverem em situação de reclusão: uma guerra? uma pandemia? o apocalipse? Há um mistério sobre o que vai acontecer quando chegar alguém muito aguardado. Somos conduzidos pelos diálogos agudos e uma relação oscilante entre poder e submissão. Os elementos de cada instante nos guiam aguçando os sentidos e a imaginação, até o fim.

¹ Márcio Silveira dos Santos é professor/pesquisador, dramaturgo, escritor, diretor. Possui Doutorado em Teatro pela UDESC. Tem Mestrado e Licenciatura em Artes Cênicas pela UFRGS. Escreveu dezenas de textos teatrais, artigos e publicou sete livros. Foi professor colaborador substituto no IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina/Florianópolis e na UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: marciosilveira01@gmail.com/ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3683-6139>

Personagens

01 – Pessoa idosa. Não sai da cama, sempre observando a rua através de uma janela grande.

02 – Pessoa de meia idade. Hiperativa com transtorno obsessivo compulsivo.

Está lá fora, contornou os fundos

Cômodo interno. Chão sujo de lama em algumas partes. Há uma porta muito pequena e estreita e uma janela grande onde se vê vidros trincados e quebrados cobertos por plástico transparente. Próxima da janela há uma cama velha de metal enferrujado e pintura descascando, cobertas sujas e rasgadas. Ao lado, suportes para soro e outros equipamentos velhos, uma mesinha com remédios. Muitas cadeiras quebradas espalhadas pelo espaço e outros objetos. Paredes manchadas de sangue. No lado oposto à cama há uma mesinha, sobre ela há muitos crisântemos secos e outros vívidos, de diferentes cores, dentro de um vaso trincado com pouca água.

02 – (Entra. Põe uma pá ensanguentada perto da mesa. Botas sujas de lama. Organiza as cadeiras por um tempo). Está acabando. Eles prometeram que teríamos...

01 – (Atento olhando pela janela) Faça silêncio!

02 – Por quê?

01 – Porque não consigo ouvir se você fica tagarelando a todo instante sobre isso. Que diabos!

02 – (Joga uma cadeira no outro. Erra o alvo). Você vai arder no fogo dos infernos!

01 – (Com calma, observa a cadeira espatifar ao lado. Tosse fortemente). Você também! (Toma alguns remédios).

02 – Cinza esfarelada, sem cor!

01 – ...

02 – (Pega a cadeira quebrada e empilha com outras em ordem) O que foi?

01 – Sinto um cheiro.

02 – (Animado) Laranjas e cerejas?! Cachorro molhado ou morto?!

01 – Um cheiro estranho!

02 – Como o ferro do sangue? Doce ou salgado?!

01 – Eu disse um cheiro, não um sabor! (Tosse).

02 – A última vez que aconteceu eu sentia mais o cheiro da ferritina. Agora nada mais!

01 – Vá lá fora verificar?

02 – Mas eu já fui lá fora.

01 – Eu te disse que não consigo identificar as cores daqui onde estou. O combinado é que você vá verificar lá fora a cada trinta minutos.

02 – Parece que você se alimenta de verificações! Eu nunca vejo nada! (sai rapidamente).

01 – Cuidado aí.

02 – (Tropeça ao passar a porta. Volta com um osso exposto em rasgo na perna da calça).

01 – A noção espacial não é o seu forte. Que cheiro horrível!

02 – (Sangue escorrendo) Eu te falei que a ferritina é forte, inebriante. Eu gosto.

01 – Eu não. Fede a cadáver!

02 – Eu disse que esse dia chegaria.

01 – Alguém chegou? Consegue ver daí? Recolha essa sujeira, estanque essa sangueira, se arraste até a rua se for necessário. (tosse).

02 – A janela está mais perto de você.

01 – Não é possível! E minhas vistas secaram, só sinto a claridade opaca. Vá lá, anda.

02 – Não vou mais. Se você tivesse me ouvido não estaríamos assim.

01 – Você já disse isso. Sempre a mesma coisa, agora dirá sobre os buracos nos fundos, depois sobre anticorpos, depois sobre...

02 – Cavalos. (Levanta-se com a ajuda de uma vassoura) Gosto de cavalos. (Galopa na vassoura, pulando com uma perna e a outra pendurada sangrando) Nervos e músculos possantes, ossos fortes, galope no campo sem fim, crinas ao vento, narinas dilatadas, olhos desesperados mirando no horizonte, trote seco, cascos como pás rompendo o chão arenoso. Meu sonho sempre foi que aquele pônei de brinquedo, que tirávamos fotos, saísse galopando até nunca mais. (cai bruscamente) Meu reino por um pônei!

01 – Por isso és assim de estatura tão pequena, nunca cresceu né Peter Pan?!

02 – (limpando o barro das botas) Está bem Gulliver magnânimo, penalta que não consegue enxergar um palmo diante da janela. Vais virar barata se cair no chão. Eu não vou ajudar a desvirar depois. Fique aí no seu castelo vigiando se algo avança.

01 – Mas pra quem vou pedir ajuda? Para alguém que está lá fora?!

2 – Você tem certeza de que viu? Usava roupas brancas, era isso?

01 – Que diferença faz as cores de roupas! Já estamos condenados a esta situação ridícula! Temos um código de barras estampado no chão dos fundos do terreno que eu não sei de onde saíram tantos buracos enfileirados! Vivemos no racionamento de tudo, implodiram as comunicações, eu tenho certeza de que vi o que eu vi. Está lá fora, contornou os fundos e deve ser testemunha de tudo. Precisamos saber. Precisamos encontrar. Precisamos

resolver isso. E esse cheiro insuportável que não consigo identificar me angustia há dias.

02 – Se é um cheiro ferroso só pode ser o meu sangue que não para de jorrar... (Amarrando com tiras de tecido).

01 – Não! Não! Esse eu já estou acostumado. Você parece uma bolsa de plaquetas com pernas trincadas.

02 – Como assim? Plaquetas...

01 – (Tosse. Toma alguns remédios mecanicamente) Plaquetas são estruturas sanguíneas que, diferentemente das hemácias e leucócitos, não são células, mas, sim, fragmentos citoplasmáticos. Em média, um indivíduo adulto normal apresenta de 125.000 a 450.000 plaquetas por mm³, e cerca de 30.000 são formadas diariamente. Portanto, não sei como você ainda está aqui.

02 – Ok antígeno. Vou tomar mais cuidado... com você. Já vi que hoje será outro dia sem sossego. (organizando cadeiras) Pensei que seria de calmaria...

01 – A aparente calmaria não é o princípio do fim, mas sim, serve apenas para condensar o medo.

02 – É o que mais sinto nessa convivência sem fim. Muitas vezes me pego dialogando com as drosófilas que circundam minhas feridas.

01 – Sem fim?! (Sorriso de escárnio). Ora, ora, ora. (Tosse forte) Fim nada tem, mas o meu terá início quando meus joelhos tocarem a areia fina onde a última onda se esvai já sem a força de quando em choque com o rochedo. Deitarei meu corpo na espera da maré encher e beberei toda água possível. O sal salgando as entranhas, dissolvendo sem dó as margens que o oprimem. Meu corpo sem órgãos. Sentirei o aroma da maresia... (arregala os olhos opacos, abre a bocarra) A MARESIA! É isso, o cheiro é de maresia.

02 – Mas não era um odor insuportável?

01 – O olfato já se foi. Não sinto gosto nem cheiro, vivo das memórias.

02 – Deve estar sentindo o gélido ar que chega da rua.

01 – Sim! Estão chegando, são eles, posso sentir.

02 – (Pegando a pá) Tem certeza de que estão chegando?

1 – Sim, sempre há um barulho e depois eu vejo um vulto.

2 – Você quer as flores agora?

01 – Sim! (tosse) Traga os crisântemos.

02 – (Se desloca mancando, arrastando a pá, perdendo flores pelo caminho).

01 – (Segura as flores nas duas mãos e olha pela janela).

02 – (A pá em riste).

Da janela a claridade vai se intensificando até encobri-los totalmente, enquanto o som das ondas do mar de leve vai dando lugar ao som de galopes desgovernados de mil cavalos em disparada com relinchos de desespero. Após blecaute súbito se escuta os cavalos sumindo ao longe.

Acabou

